

FANFICTION: JOVEM GÊNERO FICCIONAL DA CRIATIVIDADE COLETIVA?

Francielli Mendes Pereira
francielli_mp@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/9161859907837720>

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de discutir fanfictions como novas práticas artísticas presentes no ciberespaço, muito além de tentar classificá-la como um novo gênero ficcional é compreender como esse fenômeno configura-se nessa geração e como ela ganha espaço como uma das produções textuais mais feitas por jovens em todo o mundo. De fato esse fenômeno merece atenção pois toma proporções criativas significativas e muito emblemáticas quando tratamos de autoria, pois de fato é uma prática nascida em meio a essa nova geração que particularmente caracteriza-se como coletiva, também chamada por Jenkins como “Cultura da Convergência”. Convém além de observarmos essas produções como ficcionais, mas também as forças que a movimentam nessas novas exigências das culturas do conhecimento.

Palavras-chave: fanfiction; cibercultura; gênero.

Introdução

Com a expansão dos recursos tecnológicos e conseqüentemente maior imersão no mundo virtual, muitas das práticas e produções existentes fora desse meio passaram a serem incorporadas e utilizadas de maneira potencial quando inseridas nesse ciberespaço gerando aquilo que alguns estudiosos como Pierre Levy e Henry Jenkins chamam de Cibercultura.

Termo muito complexo para ser discutido nessa introdução e objeto de discussão para um livro intitulado pelo próprio nome por Pierre Levy, *Cibercultura*, 1999, o que se destaca nesse presente trabalho é a produção Fanfiction, definida por textos ficcionais produzidos por fãs, que ganhou com o desenvolvimento da web 2.0 um espaço para as discussões e produções de fãs das obras literárias ditas de cultura de massa, filmes, seriados, mangás e quadrinhos na qual cresce com grande notoriedade desde a questão criativa (textos ficcionais de qualidade) quanto as polêmicas relacionadas às discussões de cópia e autoria.

Assim o presente artigo apresenta uma indagação muito longe de ser respondida mas analisada enquanto pergunta possível de existência pois podemos pensar em um gênero nesse caso, e até em que sentindo criativo partindo do pressuposto de que toda ficção parte da criatividade de quem a faz? Logo, se inicia com uma problematização acerca da questão do gênero e principalmente a emblemática situação ao definirmos gêneros dentro da questão textual e literária.

Para que em seguida possamos entender como essas Fanfictions se organizam nesse panorama da “Cultura da convergência” tão discutido por Jenkins, percebendo que sua forma muito além de parâmetros literários precisa inicialmente ser compreendida dentro do espaço em que está inserida e a dinâmica que corresponde esse meio, ou seja, o ciberespaço. Para que deste modo possamos pensar em definições coerentes ao contexto pelas quais estão inseridas essas produções ficcionais, e enfim começar a compreender a dinâmica considerada ainda literária ou não desses textos que de certa forma sugerem uma mudança de olhar em relação às produções que emergem em meio ao próprio universo virtual.

Problematização da questão de gênero

A questão de gênero seja ele textual ou até mesmo literário é emblemático do ponto de vista conceitual, uma vez que a sociedade muda conforme suas novas descobertas e as práticas sociais também se deslocam com ela, dando margem a necessidades específicas e particulares desses mesmos grupos, que dentro de suas próprias especificidades desenvolvem exigências estéticas diferentes. Sendo assim a literatura também sofre com isso pois configura-se como uma prática artística, cultural e social, logo também influenciada pelas mudanças intelectuais humanas.

Advinda do intelecto humano, a criação ficcional foi se transformando durante épocas, primitivamente ligado ao mundo mítico na busca da explicação de nossa própria origem e mecanismo de tudo aquilo que existe nesse mundo, depois com o surgimento da ciência e conseqüentemente com o predomínio da razão, a realidade ganha espaço dentro da ficção e as discussões sociais racionalmente elencadas tornam pontos importantes para o espaço literário.

Com as transformações de nossa época formas literárias como o conto, a crônica “saltam” no gosto do homem contemporâneo, e as narrativas curtas também conhecidas como “mini-contos” vão fazendo parte da criação estética dessas novas culturas do conhecimento, e hoje o que vemos são textos literários híbridos em que comungam narrativa, poesia, epistola e até mesmo música, constituindo situações estéticas literárias diferentes das então produzidas em séculos passados.

Obviamente que a questão de gênero é bem profunda e tentar encaixar uma produção ficcional advinda de um meio tão efêmero como o ciberespaço em que suas produções são reeditadas diariamente em alguns casos e com a participação de um grupo leitor que pode influenciar na confecção dos mesmos com os comentários, observa-se que ainda trata-se de um tipo de produção textual jovem em um universo de criação ainda muito pouco explorado. Assim, definições ficam complicadas em um meio ainda não cristalizado e que por natureza é para estar sempre sendo modificado.

Desse modo é preciso compreender o funcionamento do meio (ciberespaço) para elencar definições coerentes e próprias para as produções estéticas advindas dele. Não é uma questão de definição do objeto literário, mas de como esse objeto coerentemente deve ser visto nesse novo espaço para se fazer literatura.

Afinal, o que são *Fanfictions*?

Fanfiction ou *Fanfics* são definidas como produções ficcionais advindas de fãs. Para Henry Jenkins,

Fan fiction se refere a histórias originais e romances ambientados nos universos fictícios de séries de TV, filmes, quadrinhos, games e outras propriedades midiáticas favoritas. Atualmente, fãs escrevem milhares de histórias a cada ano dedicadas a centenas de diferentes textos midiáticos. Os escritores normalmente são amadores; as histórias são trabalhos de amor. Muitas dessas histórias são distribuídas on-line. Historicamente, mulheres escrevem a maioria das histórias de fãs, apesar de que homens se tornaram mais ativamente envolvidos na medida em que a *fan fiction* se mudou para a *web*. Algumas histórias são escritas por adolescentes, muitas outras mais por adultos. *Harry Potter* e vários *fandoms*² de anime/mangá se tornaram centros para expressão da juventude. (2012, p.13)

Apesar de esse fenômeno estar mais evidente com a ascensão do mundo virtual, já era uma prática existente, a funcionalidade da web 2.0 só potencializou a imersão do mesmo em nossa cultura do conhecimento. E possibilitou a troca de informações rápidas pelos fãs que fazem parte de grupos sociais mobilizados com esse fim. São as novas exigências das culturas de conhecimento que tornam possíveis criações como essas, segundo Pierre Levy as distinções entre produtores e consumidores irá se “dissolver” e formar um “circuito” de expressão, com cada participante trabalhando para “sustentar a atividade” dos outros.

É exatamente nessa dinâmica que as *fanfictions* “fincam terreno”, pois o processo de produção apesar de em grande parte ser individual nascem das contribuições de leitores como os Beta Readers que acabam modificando o produto final e transformando a produção ficcional em um texto cooperativo, nascido em meio a uma coletividade de fãs, na qual os discursos de outros fazem um trabalho crítico e ativamente transformativo com suas opiniões.

Na obra *Cultura da Convergência*, 2006, Jenkins aponta que as mídias corporativas reconhecem cada vez mais a participação dos fãs,

Produtores de mídia e anunciantes falam hoje em “capital emocional” ou “lovemarks”, referindo-se à importância do envolvimento e da participação do público em conteúdos de mídia. Roteiristas e outros criadores pensam na narrativa, hoje, em termos da criação de oportunidades para a participação do consumidor. (2006, p.235)

O ponto crítico ao se tratar dessas narrativas ficcionais está além da simples distinção de produção enquanto literária ou não, mas principalmente os mecanismos de produção, pois de certo modo apesar de nascerem em meio a cultura de massa, as suas produções estão intimamente ligadas ao comércio alimentados pela ideia da oferta e da procura. Vemos isso nas produções de J.K. Rowling relacionadas aos livros de “*Harry Potter*” que deu surgimento a inúmeros fãs no mundo todo que encontraram nesse universo infinitas possibilidades de escrita seja para ampliar as características das personagens, desenvolver certos acontecimentos que não acharam muito claro ou até mesmo mudar situações das narrativas originais das quais não gostaram.

Assim o que podemos observar é a necessidade desses escritores de *fanfiction* de obter mais do que o material original os oferecem, pois a fábula levanta expectativas as

quais não são entregues pela materialidade do texto, o que sugere uma extensão interpretativa no leitor que vê na possibilidade de escrita agir criativamente por meio do pacto da ficção, possibilitando para o fã possíveis explicações para os questionamentos advindos de sua leitura.

O outro lado dessas produções são as questões autorais, que longe de pensarem nesse fenômeno criativamente, apontam a que medida essas produções não passam de cópias advindas de um texto original, mas que na prática muitos desses textos discutidos aqui estão bem longe de serem considerados simples cópias, pois apresentam originalidade e principalmente só utilizam-se de um universo como o de Harry Potter já imaginado por outras histórias que não pertencem apenas ao explorado por J.K. Rowling.

Para se afirmar ou pensar na questão de autoria sobre esses textos há uma necessidade de ler e analisar todas as *fanfictions* até então produzidas para que assim possamos fazer uma diferenciação entre elas do ponto de vista cópia. Assim temos um universo amplo e trabalhoso de textos para delinear o ponto de partida de organização e delimitação desse objeto. Além de um espaço de produção que hoje mantém os textos e amanhã pode terem sido excluídos, partindo desse fato conclui-se que é preciso delinear essa dinâmica do meio primeiro.

Ilustrando com Jenkins essa discussão, o estudioso aponta,

Histórias de fãs não são simplesmente *extensões* ou *continuações* da série original. Eles estão construindo argumentos por meio de novas histórias ao invés de ensaios críticos. Apesar de um ensaio literário geralmente responder ao seu alvo em uma forma não-fictícia, *fan fiction* usa ficção para responder à ficção. Você encontrará todo tipo de argumentação sobre interpretações no meio da maioria das histórias produzidas por fãs. Uma boa história de fã referencia eventos-chave ou pedaços de diálogo como evidência para suportar sua interpretação particular dos motivos e ações dos personagens. Detalhes secundários são usados para sugerir que a história poderia ter ocorrido de forma plausível no mundo fictício mostrado no original. É certo que existem histórias ruins que não se aprofundam nos personagens ou caem em interpretações banais, mas a boa *fan fiction* mostra um profundo respeito pelo que gerou a fagulha na imaginação ou curiosidade do escritor-fã. *Fan fiction* é especulativa, mas também é interpretativa. E mais que isso, é criativa. O escritor-fã quer criar uma nova história que diverte por si só a oferece para quem talvez seja a plateia mais exigente que se poderia imaginar – outros experts extremamente investidos na obra original. (2012, p.20)

Desse modo as produções chamadas *fanfictions* e definidas simplesmente como textos ficcionais advindos de fãs precisam ser vistas com olhos não apenas críticos em relação as obras originais, mas com uma perspectiva criativa de extensão lógica advindas de uma interpretação crítica por parte do próprio leitor. Não é isso que queríamos observar nos bancos escolares? Esse posicionamento interpretativo e crítico não é tão almejado pelas disciplinas de produções textuais?

Vejamos aí as possibilidades de aprendizagem por parte de jovens e adolescentes em fase escolar que produzem textos ficcionais de duzentas a trezentas páginas e ainda se organizam em grupos para discutirem os erros e acertos narrativos dos mesmos. Criando independentemente possibilidades de aprendizagem coletiva que foge das propiciadas na escola, vejamos nesse caso um fenômeno interessante e construtivo advindo da cibercultura. Isso é *fanfiction*.

Fanfiction e a cibercultura

O que é preciso deixar claro como o próprio Pierre Levy aponta em sua obra *Cibercultura*, é que “o crescimento do ciberespaço não determina automaticamente o desenvolvimento da inteligência coletiva, apenas fornece a essa inteligência um ambiente propício” (p.29). Assim como foi apontado anteriormente as *fanfictions* não nasceram com a ampliação do ciberespaço mas já estavam presentes em nossas produções com a forma conhecida como *Fanzines*, espécie de revistas destinadas a produção de textos por fãs, logo, esse novo espaço de produção só possibilitou sua existência de uma maneira rápida (não há impressão), altamente comunicativa (transpõe as barreiras do mundo físico) e própria para reedições (inteligência coletiva, na confecção colaborativa dos outros fãs).

Desse modo, o crescimento de sites e grupos virtuais destinados ao feitiço de *fanfictions* está intimamente ligado a liberdade e democratização advindas da ampliação do ciberespaço, e o desenvolvimento dessa inteligência coletiva move-se pela criatividade de transformação de textos ficcionais bebidos em fontes de obras literárias, filmes, séries, quadrinhos, mangás etc., especificamente relacionados às possibilidades oferecidas pelo o meio que se expande.

Haja vista que o ciberespaço oferece muitas possibilidades comunicacionais e informativas, vemos nas comunidades virtuais as grandes empreendedoras desse movimento de produções coletivas, que impulsionam o desenvolvimento da inteligência coletiva defendida por Pierre Levy. Ainda segundo Levy,

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. (1999, p.127)

Essa dinâmica das comunidades virtuais foi propícia para o desenvolvimento das *fanfictions* pelo mundo todo. Aproximados pelos interesses comuns, fãs se organizaram e no processo de cooperação ou troca de conhecimentos discutiam sobre as obras literárias, filmes, seriados, mangás e até mesmo quadrinhos que lhe eram apreciados, formando um grupo social com características e produções interpretativas e críticas próprias, dando origem a textos também ficcionais que respondem a essas apreciações, sejam elas negativas ou positivas.

E é exatamente por esse mecanismo que as discussões acerca da posição do autor são evidenciadas quando falamos em produções como as *fanfictions*, em que a autoria fica em um segundo plano e a ação de escrever e os comentários de outros afins participantes dessas comunidades se sobressaem sobre a posição *status quo* de autor da qual conhecemos. Para Levy,

A figura do autor emerge de uma ecologia das mídias e de uma configuração econômica, jurídica e social bem particular. Não é, portanto, surpreendente que possa passar para segundo plano quando o sistema das comunicações e relações sociais se transformar, desestabilizando o terreno cultural que viu crescer sua importância. Mas talvez nada disso seja tão grave, visto que a proeminência do autor não condiciona nem o alastramento da cultura nem a criatividade artística. (1999, p.153)

Dessa forma o que vemos é a posição de uma coletividade que em alguma parte do texto ficcional, no caso das *fanfictions*, deixam suas marcas de alguma forma, seja no posicionamento crítico em relação à apreciação dos elementos da narrativa em questão, ou até mesmo com a figura dos *Beta readers* que corrigem sentenças frasais, deslocam partes do texto e em alguns casos até o tipo de narrador (onisciente, onipresente, etc.) que melhor se enquadra na diegese, em muitas vezes movidos pelo gosto pessoal. Dá margem a uma participação que também o coloca como autor, o que ultrapassa os limites

do leitor interpretativo crítico, pois ele age criativamente com aquilo que apreende de sua leitura e a modifica segundo suas percepções e fruções pessoais.

Vale ressaltar também os mecanismos de criação textual advindas de ferramentas próprias desse espaço virtual que são os hipertextos eletrônicos, através deles segundo Umberto Eco (2003) “não apenas nos permite a viajar através de um novelo textual (seja ele uma enciclopédia inteira ou a obra completa de Shakespeare), sem necessariamente “desfiar” toda a informação que contém, penetrando-o como uma agulha de tricô em um novelo de lã” (ECO, p. 18).

Ainda segundo Eco essa possibilidade de criar textos coletivamente cujo andamento pode ser modificado ao infinito pode ser feito naturalmente com textos literários já existentes e mudar histórias que há muito tempo nos obcecam. E isso de maneira alguma vai danificar o texto original, pelo contrário, estará sempre vivo em meio as múltiplas possibilidades que o mesmo ainda mantém latente por suas lacunas estratégicas esperando para serem preenchidas ou não.

É nesse posicionamento ativo do grupo em relação às produções textuais ficcionais produzidas nesse contexto que é considerado nesse artigo como algo criativo. A criatividade aqui não está limitada apenas no fato de estar-se fazendo ficção mas nas respostas advindas de fãs com a própria ficção. Pois é nela mesma que eles encontram ferramentas para manter vivo o universo literário da qual eles apreciam, ou até mesmo como forma de contestar aquilo que não lhes agradaram nesse mesmo universo gerando uma espécie de crítica ativa e criativa, alimentando um espaço democrático e de livre expressão caracterizando assim as peculiaridades desses grupos pertencentes a essa cibercultura.

Fanfiction e a Cultura da Convergência: aspectos de letramento literário sobre essa premissa criativa.

De fato é essa vontade, a qual conhecemos pelas *fanfiction*, de produzir textos que todo professor gostaria de vivenciar com seus alunos em sala de aula, mas não é exatamente essa realidade que vemos em nossos bancos escolares, mas que de certo modo aponta por essas práticas alguns aspectos importantes e contemporâneos em

relação ao próprio direcionamento dos profissionais dessa área para a formação de leitores.

Partindo da compreensão da literatura enquanto formas ficcionais híbridas já discutidas anteriormente, as fanfictions se enquadram muito bem nesse pressuposto e principalmente no gosto de adolescentes e jovens que desenvolvem diariamente essas práticas de produções. Nesse momento dialogando com os conceitos de letramento defendido por Kleiman, na qual define letramento da seguinte forma: “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.” (KLEIMAN, 2004, p.19). Sendo assim o conceito de Kleiman não limita o letramento apenas em âmbito escolar mas abrange a efetuação do mesmo em diversos contextos, de diversas maneiras.

No caso de letramento literário, sua premissa maior seria então o conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária, partindo de um traço fundamental que é o “caráter de ficcionalidade” discutido por Hansen e não apenas materializada por meio do impresso mas como forma enunciativa, discursiva que pode ser compreendida e veiculada não apenas pelo meio impresso, o que dá margem para a mobilidade desses mesmos textos por diversos suportes de escrita.

Assim a fanfiction ganha um caráter literário tanto por parte da leitura ficcional quanto a escrita ficcional, de certo modo não inclusa nos padrões da literatura dita canônica, mas sim na literatura conhecida como de massa e produto do mercado editorial, deste modo, marginalizada em detrimento da Grande Literatura considerada pelos estudos de crítica literária nas universidades. Agora apontar como boa literatura ou não é estar em uma “areia movediça” pois, conforme você se agarra nas definições e conceitos a respeito da literatura a sua volta, mais esse movimento nos afundam em decorrência às possibilidades hoje para se fazer arte, temos um universo além do material para a produção, um universo virtual da qual organiza suas próprias regras e dinâmicas a serem seguidas. Logo, o caminho mais seguro para se analisar e discutir essas produções é antes de tudo parar e observar esses fenômenos para compreendê-lo e utilizá-lo da forma mais coerente.

Esse posicionamento criativo dos produtores de *fanfiction* aponta uma direção contraditória daquilo que muitos profissionais da educação desabafam em muitas vezes sobre o desânimo de ver os seus alunos lerem e escreverem pouco e mal. Esses adolescentes e jovens lêem muito e também escrevem muito, mas partem de obras das quais eles apreciam, que fazem parte de seu mundo e da sua maneira de gostar de literatura e também escrevê-la.

Escrever é uma tarefa difícil e em muitas vezes quando encontramos obras literárias das quais não gostamos tendemos sempre a excluí-las, o que vemos nessas produções ficcionais pelos fãs é a possibilidade de mudar criativamente situações como essas e dar vida a outro ponto de vista sobre aquilo em que eles não aprovam. Ou a partir de buracos deixados pelo texto original criar uma história em cima desses pequenos detalhes, evidenciando as possibilidades de grandes interpretações e criações ficcionais.

Cabe nesse momento do artigo citar Umberto Eco novamente com uma posição crítica exemplar sobre a exposição desse tópico, na qual faz parte de o discurso de abertura da obra *Sobre a Literatura*, 2003, intitulado “Sobre algumas funções da Literatura” que afirma,

Acho que poderia ser interessante, e mesmo educativo, tentar modificar as histórias que já existem, assim como seria interessante transcrever Chopin para bandolim: serviria para aguçar o engenho musical, e para entender por que o timbre do piano é tão consubstancial à sonata em si bemol menor. Pode educar o gosto visual e servir à exploração das formas ao tentar colagens compondo pedaços do *Matrimônio da virgem*, das *Demoiselles d'Avignon* e da última história de Pokemon. No fundo, muitos grandes artistas o fizeram. (2003, p.19)

Atentemos ao incentivo dessa prática democrática e criativa de produção ficcional pois como foi visto ela aponta um caminho interessante e coerente para a formação de leitores, partindo dessa posição de letramento da qual citou-se a cima vemos a liberdade e as múltiplas possibilidades de aprendizagens pela cultura da convergência, denominada por Jenkins.

É certo que apesar de haver um número considerável de pontos positivos em relação a essas produções também existem os pontos negativos, e o cuidado com o crime autoral conhecido como plágio e situações que saem do controle de referências escolares pensando no trabalho com os textos canônicos, pois, tendo em vista o amplo espaço da qual fazem parte, e a responsabilidade de manter, organizar inteligentemente

essas situações possíveis de aprendizagem faz parte das instituições de ensino e profissionais dessa área.

Há uma necessidade de capacitar esses profissionais e inseri-los nessas práticas, não no sentido superficial (utilizar-se de), mas compreender a dinâmica desse meio (estar-se inserido na) para que assim metodologia e educação realmente estejam interligadas e de fato sejam substancialmente norteadoras de uma educação coerente em relação a essas práticas literárias presentes no ciberespaço.

Conclusão

O presente artigo objetivou-se na discussão sobre as produções ficcionais Fanfictions. Textos advindos de fãs que ganharam o mundo e uma dinâmica própria com a web 2.0 da qual merece estudo e interesse por parte de pesquisadores da área de Letras.

Esse posicionamento surge de estudos sérios desenvolvidos por pesquisadores como Pierre Levy e Henry Jenkins que problematizaram a questão da cibercultura, inteligência coletiva, cultura da convergência em relação aos produtos e ações desenvolvidas no ciberespaço. As fanfictions são um dos fenômenos relevantes de produções ficcionais que circulam pela internet no mundo todo. Apresentando em muitos casos, textos de elevada qualidade discursiva e em outros não, apresentam uma perspectiva criativa e interpretativa como uma espécie de crítica em relação aos universos de textos originais das quais são fãs que merecem atenção e pesquisa.

Dizer que essas produções são jovens gêneros ficcionais da criatividade coletiva é um ponto de partida para se compreender esse tipo de produção que obedece a certos requisitos para sua efetuação, apresentando aspectos bem específicos para sua existência, que desenvolve-se em resposta criativa a posição de leitores interpretativos e críticos.

Deste modo compreender o processo de feitura e o espaço na qual ela se desenvolve mostra-se a importância de um estudo para que assim possamos pensar nas definições mais adequadas e como essas mesmas produções se estruturam nesse meio.

Pois o que sabemos com mais clareza é que se desenvolveram em um meio virtual e seu surgimento está ligada a uma coletividade de fãs que estão participando de uma mesma comunidade com intuítos muito próximos: ler, discutir e escrever sobre aquilo que eles gostam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. In: ECO, Umberto. **Sobre a Literatura**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

HANSEN, J. A. Reorientações no campo da leitura literária. In: ABREU, M.; SCHAPOCHNIK, N. (Org.) **Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas**. Campinas: Mercado de Letras, ALB; São Paulo: FAPESP, 2005.

KLEIMAN, A. B. Introdução: O que é letramento? Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

JENKINS, Henry. Por que Heather pode escrever. In: JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Editora ALEPH, 2006.

JENKINS, Henry. Lendo criticamente e lendo criativamente. In: JENKINS, Henry (Org). **Reading in a Participatory Culture**. New York: Teacher's College Press, 2013.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Paraná - PR, Campus de Cornélio Procópio. Especialização em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual de Londrina – PR e atualmente é mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá-PR, atuando na área de concentração literária, especificamente na linha Formação de leitor e o texto literário. Participante de um projeto Institucional denominado “Evolução e tendências da Literatura Infantil e Juvenil Contemporânea: caminhos para a formação de leitores”.